

"PIRÂMIDE DA SOLIDÃO?"

(Notas muito preliminares)

Elza Berquó(*)

(*) Do Núcleo de Estudos de População - NEPO/UNICAMP e do Programa de População do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento - CEBRAP.

Trabalho apresentado no V Encontro Nacional de Estudos Populacionais da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP), realizado em Águas de São Pedro, SP, de 12 a 16 de outubro de 1986.

JUSTIFICATIVA

A motivação para as considerações que aqui serão feitas é fruto de uma preocupação em trazer à baila questões que derivam de um exame mais minucioso do desequilíbrio numérico entre os sexos, pelas repercussões que dele podem advir, ou que já estão em marcha, na esfera do comportamento das pessoas. O excedente de mulheres prevalente em nosso meio certamente tem tido influência sobre suas possibilidades no encontro de parceiros, do sexo oposto, para uma vida a dois. Estas dificuldades, como se verá, crescem à medida em que as mulheres têm mais idade.

Neste sentido, nosso interesse maior reside em procurar captar e compreender os mecanismos de que vêm lançando mão as mulheres, em nossa sociedade, para enfrentar esta situação.

Nestas breves notas, entretanto, nos ocuparemos apenas do mapeamento da situação demográfica, ficando para um segundo momento a análise de entrevistas em profundidade feitas com mulheres pertencentes a vários extratos sociais e econômicos, cujo conteúdo permitirá iniciar o desenho das teias deste emaranhado que constitui as relações humanas.

Esta vontade de repensar a situação da mulher hoje em nossa sociedade quanto à suas chances e vontades de encontrar um parceiro, de viver em união, de formar uma família, de querer ser ou viver só, foi muito reforçada à medida em que crescia diante de meus olhos a Figura 1. Tratava-se de ver que proporção de mulheres encontravam-se sós, isto é, sem cônjuge (podendo ser solteiras, viúvas, desquitadas, divorciadas ou separadas) nas diferentes faixas etárias. A figura no começo era constituída apenas pelo lado direito. Este mostra que é grande esta proporção nas primeiras idades, vai diminuindo até os 35 anos, fica num platô até os 44, e a partir daí dispara a crescer, até atingir no grupo etário de 65 a 69 anos a cifra alarmante de 57%. O movimento de retração a partir dos 24 anos reflete evidentemente a entrada das mulheres em uniões. O platô a partir dos 30 anos revela certa saturação no mercado matrimonial pela entrada de novas coortes de mulheres mais jovens e disponíveis, além de se abrigarem nestas faixas etárias mulheres já separadas. O aumento na proporção de mulheres após os 45 anos está refletindo as que ficaram solteiras, as que se separam e as que enviuvaram.

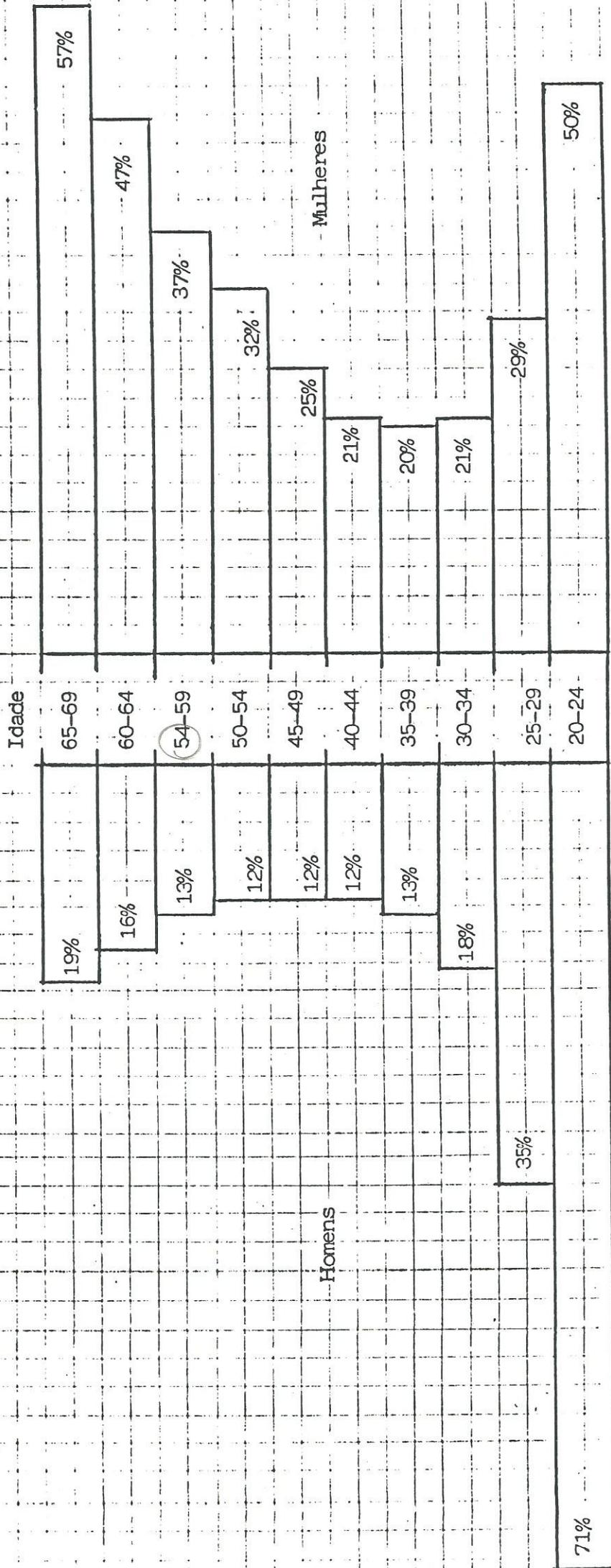
Aí me decidi a desenhar o lado esquerdo da Figura 1. Claro estava que deveria ter características distintas. Mas confesso que ainda assim me surpreendeu o que se passava a partir dos 30 anos de idade. É extraordinariamente menor, em todas as idades após os 30 anos, a proporção de homens que se encontravam sós. O platô que praticamente se inicia aos 35 anos e vai até os 59 está indicando alta proporção de casados ou de recasados, e o ligeiro aumento a partir dos 60 anos é, principalmente, fruto da viuvez.

Sob o primeiro impacto, denominei a pirâmide de "Pirâmide da Solidão", em seguida de "Pirâmide da Solidão?". A pesquisa que pretendo realizar, levada por esta motivação, nos dirá se estamos diante de uma poliginia disfarçada, de um celibato forçado ou decididamente sós.

No momento, registraremos alguns elementos demográficos que nos ajudarão a delinear o pano de fundo para o segundo ato.

Proporção de mulheres e de homens que se encontravam sem cônjuge ou companheiro, por faixa etária

Brasil 1980



1. O desequilíbrio entre os sexos

A análise da composição por sexo, da população brasileira de 15 anos e mais, nas duas últimas décadas, mostra um excedente de mulheres, que cresceu com o tempo, tanto em termos absolutos quanto relativos.

	Excedente Absoluto	Excedente Relativo
1960	359.227	1,018
1970	755.760	1,028
1980	1.118.254	1,032

Esta situação resulta, de um lado, do fato bem conhecido de uma sobremortalidade masculina adulta. Em 1980, as mulheres tiveram esperanças de vida ao nascer, nas cinco grandes regiões brasileiras, de 6 a 7 anos superiores às dos homens^(*). De outro lado, deve-se também ao aumento que este diferencial vem tendo mais recentemente no país. Por exemplo, estes mesmos autores mostraram que em São Paulo a diferença nas esperanças de vida ao nascer entre mulheres e homens, que era de 2,4 anos, em 1940, passou a 6,7 anos, em 1980^(**). As mortes violentas, mais freqüentes entre os homens, são o principal determinante desta defasagem nas taxas de mortalidade, específicas por sexo. Outra das razões evocadas para este aumento é a queda da mortalidade feminina ligada aos aspectos da gravidez, parto e pós-parto.

(*) YAZAKI, L.M. & ORTIZ, L.P. - Estudo da mortalidade por causas nas regiões brasileiras com base no registro civil - Tábuas de múltiplo decrémento 1979/80. São Paulo, Informe Demográfico nº 15, SEADE, 1985.

(**) ORTIZ, L.P. & YAZAKI, L.M. - Evolução recente da mortalidade no Estado de São Paulo. São Paulo, Informe Demográfico nº 14, SEADE, 1984.

Este fenômeno, que de certa forma pode passar despercebido porque este excedente de mulheres não está todo concentrado em uma única região ou estado, encontra-se diluído maiormente pelas áreas urbanas do país, cuja soma chegou a atingir, em 1980, a um superávit de 2.108.470 mulheres.

2. Como anda o mercado matrimonial

Quando se observa a situação da população brasileira de maiores de 15 anos de idade, por situação conjugal, através de dois cortes transversais, 1960 e 1980 (Tabela 1), verifica-se desde logo que nos últimos vinte anos esta composição esteve sujeita a uma impressionante regularidade no que se refere à categoria de casados e casadas. De fato, esta variou de apenas 0,4%, tanto para as mulheres quanto para os homens, sendo que a proporção de casados que em 1960 era superior em 2% à de casadas, passa a 3% em 1980, ou seja, os homens continuam sendo mais favorecidos quanto ao casamento.

TABELA 1 - Estado conjugal, por sexo, em 1960 e 1980 - Brasil

ESTADO CONJUGAL	MULHERES		HOMENS	
	1960	1980	1960	1980
Solteiras (os)	30,7	31,5	37,4	37,9
Separadas+Divorciadas+ Desquitadas (os)	3,2	3,5	1,7	1,5
Viúvas (os)	8,8	8,1	2,5	1,8
Casadas (os)	57,3	56,9	58,4	58,8

FONTE: Censos Demográficos de 1960 e 1980, FIBGE.

Para ambos os sexos a proporção de solteiros esteve praticamente constante entre 1960 e 1980, sendo, entretanto, esta proporção, em média, 23% mais elevada para os homens.

Mais do dobro de mulheres encontrava-se, em 1980, separada, divorciada ou desquitada, fazendo pensar ou em uma menor chance das mulheres, uma vez separadas, de voltarem a se casar, ou em uma opção voluntária de permanecerem descasadas.

Quanto à viuvez, esta proporção que era, em 1960, de 3,5 vezes maior para as mulheres, passa, em 1980, a ser de 4,5 vezes maior. A proporção de viúvos caiu de 28% no período considerado, enquanto que foi de apenas 8% o declínio na proporção de viúvas. Estes dados refletem a mortalidade diferencial como já assinalado anteriormente.

A Tabela 2 nos fornece informações sobre o "tempo" e o "quantum" da nupcialidade.

TABELA 2 - Calendário e intensidade da nupcialidade, por sexo, em 1960 e 1980 -
Brasil

	MULHERES		HOMENS	
	1960	1980	1960	1980
Idade média ao casar (em anos)	22,2	22,6	25,8	25,3
Celibato	8,7	8,1	6,2	6,1

Olhando-se a questão da nupcialidade mais diretamente, do ângulo do "tempo" ou do calendário, nota-se novamente uma certa regularidade na idade média ao casar, nos últimos vinte anos. As mulheres se casavam com 22,2 anos, em 1960, e, em duas décadas, esta idade média

passou a 22,6 anos. Quanto aos homens, no mesmo período, a idade ao casar passou de 25,8 a 25,3. As pequenas variações na idade das mulheres e dos homens, elevando em apenas 0,4 anos a idade ao casar das mulheres e diminuindo de apenas 0,5 anos a dos homens, acabou por reduzir em quase um ano a superioridade da idade do homem em relação à da mulher; esta passou de 3,6 a 2,7 anos.

Quanto à intensidade ou "quantum" da nupcialidade, observou-se também a manutenção dos níveis de celibato para os homens, que atingiu os valores de 6,2% e 6,1%, respectivamente, em 1960 e em 1980. Ou seja, por volta de 6% dos homens continuavam solteiros após os 50 anos de idade, nas duas últimas décadas. Para as mulheres, o celibato em 1960, era 29% mais elevado do que para os homens, isto é, 8,7% das mulheres ainda continuavam sem se casar após os 50 anos de idade. Em 1980, o celibato feminino caiu muito ligeiramente, passando a 8,1%.

Não cabe nenhuma dúvida de que o excedente de mulheres é o maior responsável pelo menor celibato masculino. Ao contar com maiores possibilidades de escolha, os homens se casam um pouco mais tarde do que as mulheres e em maior quantidade.

3. A endogamia na idade ao casar

No Brasil 30% dos casais têm suas idades dentro da mesma faixa etária de 5 anos. É o que revelam as tabulações especiais do censo demográfico de 1980, quando se consideram as idades de 20.770.464 casais. Destes, em 61% a idade do homem encontrava-se em faixas etárias superiores às de suas mulheres. Como se vê, a pauta tradicional predominante no Brasil, do homem escolher mulher mais jovem para

se casar, continua presente nos dias de hoje, onde em apenas 9% dos casos as mulheres eram mais velhas do que seus esposos.

É interessante observar como varia esta taxa geral de endogamia de 30%, quando se analisa a idade dos esposos, fixada a idade da mulher. Na Figura 2 observa-se que as taxas marginais de endogamia variam pouco e praticamente se estabilizam em torno dos mesmos 30%, para mulheres a partir dos 35 anos. Muito embora o padrão geral do homem mais velho do que a mulher seja sempre a situação majoritária, independente da idade da mulher, o peso relativo desta combinação é mais vigoroso para as mulheres mais jovens. Ou seja, a proporção de mulheres casadas com homens mais jovens cresce com a idade da mulher, passando de 1% a 14%. Tendo presente a dificuldade de competição da mulher mais velha com as mais jovens no mercado matrimonial, chama bastante a atenção o fato dela conseguir, proporcionalmente mais homens mais jovens quando estão mais velhas. Questões que remetem a tipos de alianças matrimoniais, posição da mulher na família, status da mulher na sociedade etc., devem fazer parte do rol de possíveis explicações para este fato, as quais, conforme nos referimos no início destas notas, deverão ser consideradas em um segundo momento deste estudo.

O mesmo tipo de análise, fixando-se agora a idade do esposo, revela uma situação bastante diversa da anterior. Em primeiro lugar, as taxas marginais de endogamia variam muito entre si e do valor da taxa geral de 30%. De fato, ela cresce de 20% a 67%, à medida em que o homem se torna mais jovem. Em segundo lugar, quanto mais velho o homem, menor a proporção dos casados com mulheres mais velhas do que eles (Figura 3).

FIGURA 2 - Proporção de mulheres, por faixa etária, que em 1980 se encontravam casadas com homens:

 , na mesma faixa etária
 , com idades acima da faixa etária
 , com idades abaixo da faixa etária

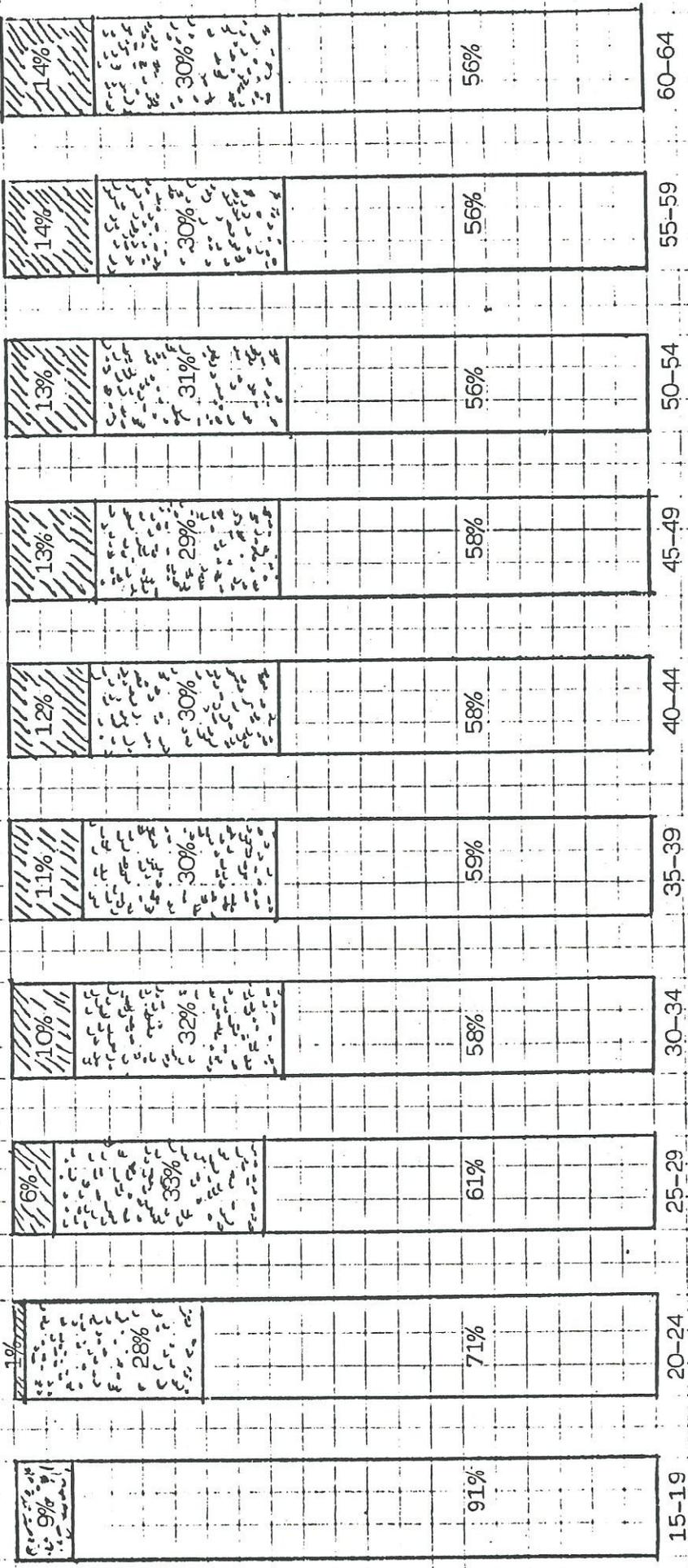
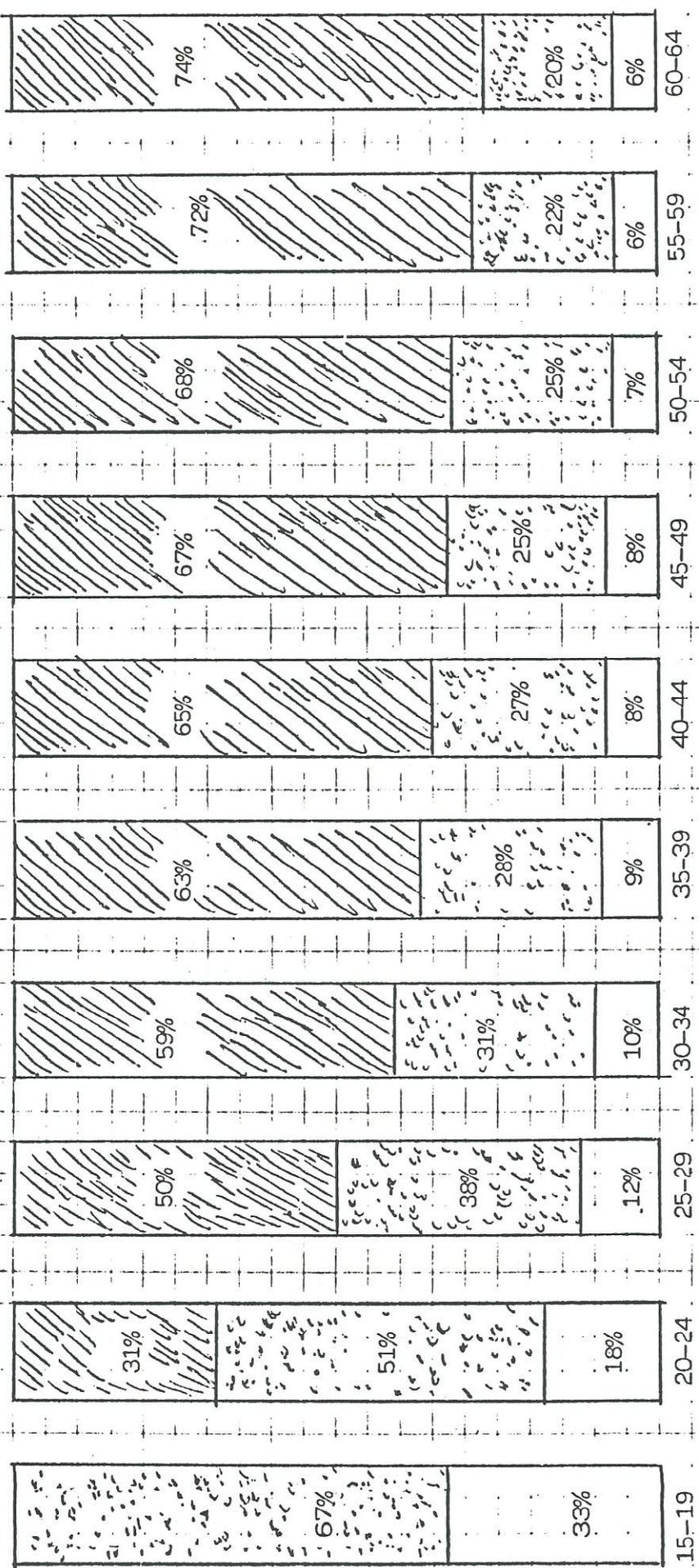


FIGURA 3 - Proporção de homens, por faixa etária, que em 1980 se encontravam casados com mulheres:



- na mesma faixa etária
- com idades acima da faixa etária
- com idades abaixo da faixa etária



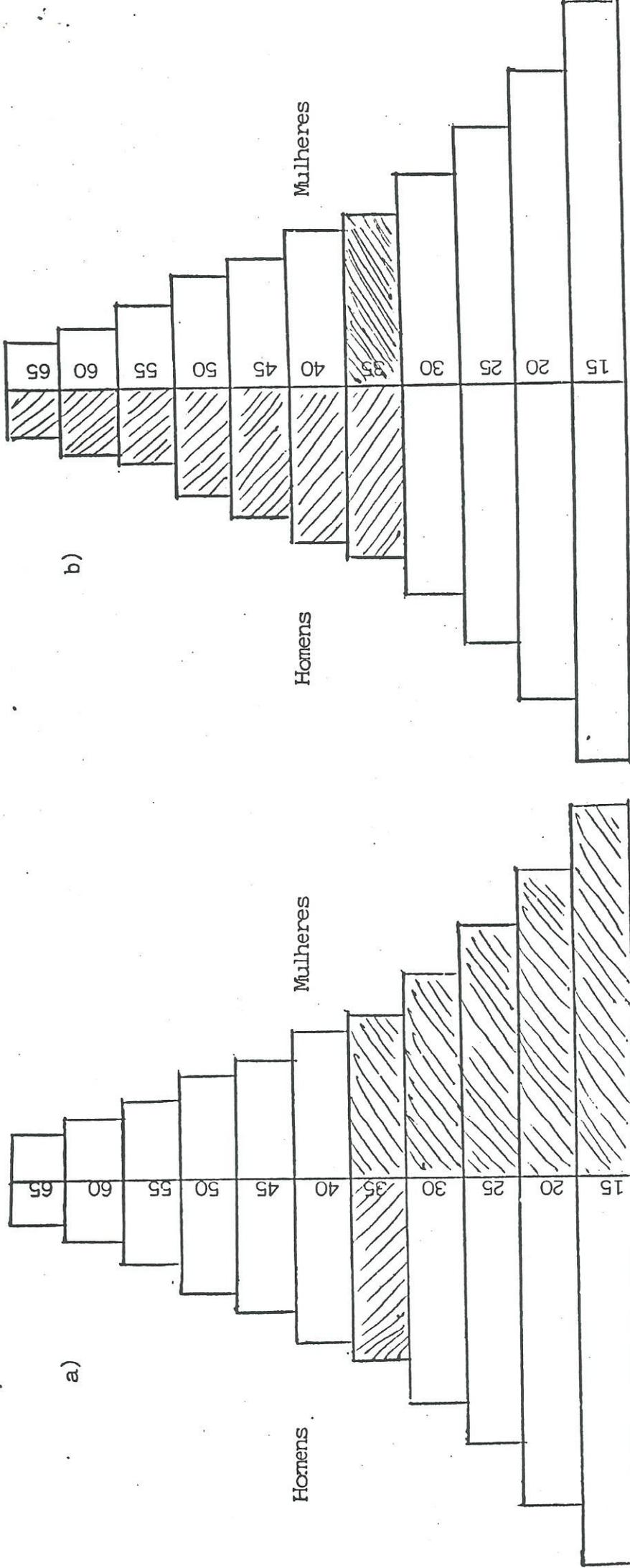
4. Simulando as chances de encontrar parceiros

O exercício que se segue consiste em comparar as chances que mulheres e homens de uma mesma faixa etária têm de encontrar parceiros ou parceiras para o casamento, mantidas certas condições sócio-demográficas. Suponha-se uma pirâmide etária do tipo triangular de base ampla, característica de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Suponha-se ainda que a composição etária seja a mesma para ambos os sexos, isto é, que sejam iguais entre si os totais de homens e de mulheres, em cada faixa etária^(*). Suponha-se finalmente que a escolha esteja sujeita a uma norma social que leve os homens a preferirem mulheres não mais velhas do que eles, e que conduza as mulheres a elegerem homens não mais jovens do que elas, situação presente na sociedade brasileira, conforme foi visto na sessão 4.

Com estas características demográficas e normas sociais, estimou-se, para cada grupo etário, as chances que um indivíduo de determinado sexo teria de encontrar um parceiro do sexo oposto. Para tanto, a simulação baseou-se na real composição por idade da população masculina do Brasil, em 1980; supôs-se então a mesma distribuição etária para a população feminina. Os cálculos foram feitos supondo-se, ainda, uma situação hipotética no sentido de que no momento da escolha tudo se passasse como se todas as pessoas estivessem igualmente disponíveis.

A Figura 4 ilustra o que se passaria, por exemplo, no grupo etário 30 a 35 anos. Na Figura 4a os 3,1 milhões de homens nesta faixa po

(*) A simulação aqui feita levaria a resultados ainda mais desfavoráveis para as mulheres se fosse ainda levado em conta o excedente de mulheres nas diversas faixas etárias, a partir dos 15 anos de idade, que retrata a situação real brasileira.



Para 3,1 milhões de
mulheres na faixa de
35 a 39 anos, haveriam
13,7 milhões de homens

Para 3,1 milhões de
homens na faixa
de 35 a 39 anos,
haveriam 23,8 milhões
de mulheres

FIGURA 4 - Representação esquemática da disponibilidade hipotética de cada um dos sexos em relação ao outro

deriam escolher mulheres em todas as faixas de 15 até 35 anos (marcadas na figura), o que corresponderia, hipoteticamente, a 23,8 milhões de mulheres. Por outro lado, os 3,1 milhões de mulheres (Figura 4b) só teriam 13,7 milhões de homens para escolher. Obviamente, à medida em que a idade do homem se desloca para cima, na Figura 4a, isto é, ele fica mais velho, aumentam as parcelas na somatória hipotética de possibilidades. Ao contrário, quanto mais velhas as mulheres, menor o número de parcelas a acrescentar na somatória.

Assim procedendo, obteve-se os resultados que se seguem para um indicador de disponibilidade calculado dividindo-se o número de mulheres (homens) em cada faixa etária pela soma do número de homens (mulheres) na mesma faixa etária e nas superiores (inferiores). Como se vê, até os 29 anos, as mulheres levariam vantagem por contarem com um grande contingente de homens disponíveis; mas, dos 30 anos em diante, a situação as desfavorece quanto ao encontro de parceiros.

IDADE	POPULAÇÃO MASCULINA E FEMININA (em milhões)	INDICADOR DA DISPONIBILIDADE	
		de mulheres para cada homem	de homens para cada mulher
15 a 19	6,7	1,0	5,1
20 a 24	5,6	2,2	4,9
25 a 29	4,6	3,7	4,8
30 a 34	3,8	5,4	4,6
35 a 39	3,1	7,7	4,4
40 a 44	2,8	9,5	3,8
45 a 49	2,3	12,6	3,4
50 a 54	2,0	15,4	2,7
55 a 59	1,5	21,6	2,3
60 a 64	1,1	30,4	1,8
65 a 69	0,9	38,2	1,0

Este exercício mostra como a combinação de uma estrutura por sexo e idade associada a uma norma social de escolha para casar, acabam por gerar um verdadeiro "determinismo sócio-demográfico", refletido na regularidade marcante dos parâmetros da nupcialidade analisados nas sessões 1, 2 e 3. Estes por sua vez encontram-se retratados na "pirâmide dos solitários", que motivou estas notas.